

As nossas primeiras fábricas de papel

A propósito das primeiras fabricas de papel surtas em nosso país, já andei jogando as testilhas, ou, modestia á parte, esclarecendo as trevas que envolvem o espirito do sr. Helio Viana, então professor interino e hoje catedrático (as provas, a que assisti, do exame por ele feito para tal cargo, foram de causar dó) de História do Brasil da Faculdade Nacional de Filosofia. O lanço em que tratei dos nossos primeiros estabelecimentos mercantis, destinados á industria do papel, ache-se á pag. 62 de meu opusculo "Compendios de Historia do Brasil" (Rio, Livr. F. Alves, 1945), voluminto não visitante a lucro pecuniario, e, sim, a uma das mais urgentes obras de misericordia: a de ensinar aos que erram.

Em semelhante escrito, - que fio ha de constituir, em nossa literatura séria e em todos os tempos, um dos mais imprescindiveis e indeleveis estigmas da ignorancia empavesada, - tive de recorrer (por não encontrar na cidade do interior do nosso país, na qual então me encontrava, melhores fontes de informação) á citada obra de José Jobim, que, na indigencia de datas impossivel com um

livro denominado "Historia das industrias no Brasil", se adstringe ao seguinte, á pag. 243: "A industria do papel no Brasil teve inicio no fim do ultimo seculo sob a iniciativa do barão de Capanema". Nessas poucas palavras, a heuristica e a gramatica sofrem não pequena tortura.

Como eu, apesar da ansianidade e das mazelas morbidas que ela acarreta, ainda não sei o que é ter preguiça para pesquisas historicas, - vou dar conta do que sobre a interessante questão pude encontrar em um quase esquecido escritor brasileiro e em monografias alienigenas. Com pesar, vejo-me coagida a dizer que, a certos aspectos, ha estrangeiros mais preocupados com a nossa terra do que os filhos dela. Não posso olvidar jamais o que me aconteceu, quando eu era tarefeiro do Instituto Nacional do Livro, cerca de cinco anos atrás. Ali foi ter um inteligente ianque, a quem forneci alguns elementos bibliograficos sobre o singelo e atrevido barco veleiro, peculiar do nosso nordeste, e que figura gloriosamente até na historia da abolição: o intelectual norteamericano propositara escrever um livro so-

bre a jangada, coisa de que não cuidara nunca um dos nossos patriocios classificaveis no rol dos cerebrais, que não no dos medulares.

Graças a Reo Bennett, cujo artigo, intitulado "The Brazilian paper industry", foi inserto na revista "Brazil" (de Nova York) de maio de 1938 (n.115 do ano X), foi-me licito aprender que se atribui á decada final da primeira metade do seculo XIX a montagem de maquinismos para a fabricação de papel em Concelção, localidade da então provincia da Bahia. A pag. 16 da sua citada publicação, conta ele que essa nossa

primeira fabrica de papel, tida por fundada em 1843, empregava como materia prima crua ("raw materials" fibras de bananeira. Não foi por falta de tecnicos, nem pela carestia de caules das nossas musaceas, que pouco durou a incipiente industria, com o fomento da qual tanto houvera lucrado o nosso país: aniquilou-a, conta-o o bem esclarecido economista, a extraordinaria baixa de preço que teve por aquela epoca o papel estrangeiro, com o qual não pôde competir o pequeno estabelecimento fabril de Conceição ▲

Ainda na edição de março você encontra:

Alguns problemas predominantes na fabricação de pasta ácida e suas causas
Notícias breves
Tratamento com recuperadores da água de branqueamento e da água gasta
Noticiário
Noticiário Bulkley Dunton
Secção Gráfica - Certas minúcias numa oficina gráfica a que se deve prestar atenção
Não há mistérios na fotografia para offset
O descascador hidráulico de tipo anelar
Velhíssimo o conhecimento do papel entre os aztecas e mayas
Notícias do ramo
Relação de mercadorias referentes ao ramo de papel e artes gráficas entradas no pôrto de Santos
Índice dos anunciantes
Noticiário